

## Observação Participante: diário de campo: II Domingo da Páscoa, (Domingo de Tomé)

Pe Danilo César

Ontem participei e observei a missa do segundo domingo de Páscoa, em uma paróquia da periferia de Brasília. Escolhi observar o influxo da Palavra de Deus na celebração, os desdobramentos possíveis da relação entre Palavra, ritos, símbolos e ministérios. Minha participação e observação, nada tinha a ver com um exercício pessoal de crueldade com a comunidade que me recebia. Tão pouco desejava exprimir falta de sensibilidade com os limites alheios. Pretendia sim, ser um esforço reflexivo que colabore com a nossa prática celebrativa, com a teologia que lhe permeia, com os elementos que alimentam a espiritualidade do nosso povo. Este exercício eclesial de observar, relatar, analisar e de fazer teologia a partir dos elementos celebrativos remonta aos tempos antigos. Etéria, uma peregrina espanhola, ao visitar a Igreja mãe de Jerusalém, no final do século IV relatou muitas de suas observações. Muitos dos santos padres relatavam em seus escritos a importância e o lugar da celebração e da liturgia na vida cristã, e com exemplos aparentemente banais revelavam estar atentos aos acontecimentos que permeavam os ritos da Igreja.

### Do espaço ao rito da Palavra

A caminho da paróquia, percebia o barulho. Carros com o som ligado no último volume faziam trepidar os ouvidos com as batidas do funk, além da gritaria dos pastores e irmãos evangélicos das igrejas enfileiradas ao longo do caminho... A agitação era tremenda, o que interferia na disposição interna até chegar à Igreja, necessitado que estava eu da nutrição da Palavra e dos Dons partilhados entre irmãos. Eu precisava sair, por um momento, daquele tumulto, em busca de um respiro para o espírito. Passava entre o barulho e agitação rumo a alguma “terra prometida”, pois meu momento era também conturbado. Buscava algum porto seguro, algo que desse sentido ao viver, uma “terceira margem do rio...” o que talvez muitos buscam quando vão à Igreja.

Isolada em um terreno aberto, o edifício não parecia ter mudado muito desde a última vez que ali estive, há cerca de dez anos atrás. A igreja, muito cheia de pessoas de todas as idades, mas, sobretudo a presença de jovens. Que bonito ver a fé do povo, suas buscas e sua sede de Deus! Mas senti falta de alguém à porta, ainda que fosse para me dar um folheto – coisa que em definitivo não traduz o

serviço de acolhida, mas seria, entretanto, melhor que nada. Os estreitos corredores de passagem dificultaram o acesso aos lugares, o que talvez explicasse tanta gente junto à entrada. Com algum esforço penetramos no recinto e encontramos lugares nos bancos. As pinturas das paredes não ajudavam muito: azul com amarelo dava uma conjugação de cores um tanto estranhas ao espaço. Depois observei um elemento que pode me fazer entender essa escolha: na lateral do presbitério uma grande imagem de Nossa Senhora das Graças, rodeada com tiras de isopor e brocados que faziam supor raios de luz, poderia ser a explicação. A intensa iluminação e a forma de galpão da igreja talvez explicassem a agitação que de novo encontrei, só que agora dentro do espaço celebrativo, que não tinha um adro para cumprir sua função de limiar, nem de trânsito para dentro do mistério.

A celebração já havia começado (*mea culpa*). Mas como estava em uma cidade desconhecida, preferi não procurar por outra igreja a fim de alcançar uma celebração desde o seu início. E como não podia ficar sem o Domingo, ali permaneci. Na chegada, o salmo de resposta estava sendo entoado longe do ambão, o qual, mais parecia uma estante de livro, duplicada. Difícil saber pela forma, qual era o monumento pascal, o túmulo vazio a ressoar que a Palavra não tinha sido aprisionada pela morte! Algo me distraiu por um momento: um jovem vestido com uma batina preta, com sobrepeliz, mãos postas e um tanto confuso, fazia as vezes de cerimoniário. Acompanhava os leitores ao “ambão”, como sombra pouco sincronizada, repetindo muitas inclinações diante do altar e transitando meio desengonçado no presbitério. Me pareceu pouco confortável naquela indumentária. Nada tinha da discrição que se requer ao ofício. Roubava, assim, a centralidade da Palavra naquele momento ritual. O leitor fazia a leitura da grande liturgia do Apocalipse. O arrebatamento de João, a revelação do “filho de homem”, tudo era escondido pela timidez do ministro leitor. Depois, o evangelho foi precedido de um canto que substituiu a aclamação. O canto era “Como são belos os pés do mensageiro”, o que não nos preparou para a escuta. Quando se compreenderá que a aclamação é Palavra de Deus? Felizmente, o padre fez uma boa e sóbria proclamação do Evangelho que me ajudou a recuperar o ritmo celebrativo: a comunidade reunida, a manifestação do Ressuscitado, a ausência de Tomé, a segunda manifestação... Mas a homilia não ajudou muito. O presidente falou dos textos dos

domingos anteriores, quase recontando-os. Quando enfim chegou ao evangelho de Tomé, fez o mesmo: recontou o texto, mas não pudemos saborear a Palavra, seu sentido último que revela tudo o que a Cristo se refere. Como presbítero eu conseguia identificar os elementos na tessitura das leituras. Mas e o povo? Se pelo dizer de Agostinho, o ajuntar o Verbo ao elemento, conferiria o sacramento, já ali a celebração começava a ficar comprometida em sua dinâmica sacramental. A homilia como chave essencial para abrir a porta dos Mistérios não estava cumprindo a sua função.

A profissão de fé foi iniciada enquanto o padre voltava para sua cadeira, rezando de costas, como se o credo fosse algo desimportante. Seria a *ars celebrandi* (arte de celebrar), um artigo de luxo?, me perguntei, sem querer aceitar resposta negativa, pois ainda cria e creio ser um direito de todos os fiéis!

### **Do rito sacramental ao envio**

Chegou o momento de passarmos ao rito sacramental. O desânimo da “puxadora de canto” não exprimia o vigor das palavras do canto da apresentação das oferendas: “Eu creio no mundo novo, pois Cristo ressuscitou”... Pareceu-me estar cantando algo imposto, não por convicção. Também não era o canto que estava no folheto. Nenhum dos cantos executados estavam no folheto de missa. Nenhum outro folheto de canto foi disponibilizado ao povo, o que comprometia a participação e interrompia a veiculação da Palavra através da música. Um imenso cortejo se fez nos apertados corredores para levar o dinheiro ao presbitério. Não era possível acompanhar a procissão dos dons e eu nem pude ver se de fato aconteceu, como milenarmente prevê nosso rito, exprimindo que a nossa vida, simbolizadas pelo pão e vinho, seria transformada na vida do Ressuscitado (corpo e sangue) sobre o altar. O canto parou, mas a procissão do dinheiro ainda estava longe de terminar. O canto recomeçou, como se o grupo de cantores tivesse se dado conta de que deveriam ter continuado...

Seguiu-se o convite presidencial: “Orai, irmãos e irmãs, para que o meu e o vosso sacrifício...”, disse o padre. O enfeite rompeu a unidade. Dois sacrifícios? Ou o meu que é o vosso? Neste caso, não seria melhor as palavras do rito, simples como estão no missal? “Enfeite” sem lugar... Seguiu-se a oração eucarística com o hino dos anjos, só que rezado. As palavras da anáfora eram lidas em ritmo veloz até que chegou a hora da invocação do Espírito Santo. Neste instante, como

peças de dominós enfileiradas e em queda, o povo se ajoelhou. Cabeças baixas, alguns resmungando orações, outros poucos de pé. Finalmente fez-se silêncio sepulcral como não houvera antes. Mas agora por uma razão óbvia: a consagração. O padre diminuiu o ritmo das palavras e fazia questão de mostrar as espécies, suspendendo a hóstia e virando o cálice para o vinho ser visto. Exatamente como não propõe o rito. Ao final das palavras da instituição, convidou a todos que recantassem o refrão do salmo. Sic! Após isso várias manifestações do tipo: “Creio, Senhor, mas aumentai minha fé”. Era mesmo disso que Tomé falava no relato evangélico? Seguiu-se a aclamação memorial, feita de joelhos pela grande maioria. Retomada a anáfora, retomou-se igualmente o frenético ritmo anterior, como se as palavras de antes e de depois do relato institucional, fossem menos importantes que as da narrativa.

A oração do Senhor foi seguida do abraço da paz. A apresentação da hóstia com o cálice imitava cuidadosamente o símbolo do enorme cartaz exposto no presbitério, do Congresso Eucarístico Nacional, sediado naquela cidade e naquele ano. A comunhão, distribuída em uma espécie apenas, contou com o aperto das filas nos corredores estreitos da Igreja. O canto, que não era do folheto e não era concorde com o evangelho (antífona de comunhão) foi interrompido para dar início a outra música. Lamentável, pois neste domingo, o rito da comunhão com o seu canto, de forma exemplar, levaria a comunidade a realizar a experiência de Tomé: estender as mãos e receber os sinais da paixão e ressurreição do Senhor. O povo somente cantou quando foi capitaneado pela voz da animadora, que parecia visivelmente ser mais simpática ao segundo canto que estava cantando. Haveria ali dois repertórios? Um imposto e outro do grupo? Pareceu-me que sim...

Feita a purificação sobre o altar, num imenso presbitério e com um batalhão de ministros da comunhão a olhar de longe. Um dos jovens cantores puxa “graças e louvores se deem a todo momento...”. O foco na transubstanciação ainda suplantava o mistério da páscoa. Após a oração presidencial, uma enxurrada de avisos, quase todos tratando de campanhas, arrecadações e coletas, fez a comunidade esperar o tempo de mais uma homilia. Nenhuma conexão com a missão da comunidade no testemunho da ressurreição durante a semana. Após a bênção, partimos quase do mesmo jeito que entramos: nutridos por uma eucaristia sem o gosto da Palavra...